

DOLABELA, Marcelo et al. *Poesia Cacograma*. Belo Horizonte: Edições Fahrenheit 451; Câmara Mineira do Livro, Governo de Minas Gerais e Prefeitura de Belo Horizonte, 2001. 1 CD.

Marcelo Ferreira Marques*

O texto mais polêmico de nossa mais polêmica vanguarda – o Manifesto Antropofágico – até os dias de hoje provoca “interessantíssimas” discussões, entre quem acha que comer o outro é a coisa mais moderna que existe e quem rechaça tais procedimentos com tal vigor, que eles parecem ter sido anunciados num periódico da semana passada. Diga-se de passagem, quase um século nos separa do Modernismo, o que nos permitiria pensar no mesmo como uma vanguarda “velha” ou “histórica”, para usar termo mais corrente.

Objetivando revisitar a permanência e/ou desdobramentos dessas vanguardas históricas hoje em dia, um grupo de poetas e músicos mineiros construiu um trabalho poético em torno de um suporte digital, especificamente o CD, numa mistura de linguagens músico-eletrônico-poéticas.

Num país em que quase não se lê poesia, um disco de poesia falada tem, de saída, o mérito de aproximar pessoas e poemas – afinal, trata-se de mais um recurso a se acrescentar à leitura do texto poético. Entretanto, classificar o conteúdo da presente obra como poesia falada seria um reducionismo: já desde seu título, *Cacograma* (derivado dos afixos gregos *kakós* – mau, defeituoso – e *grámma* – letra, escrita) parece sugerir a inscrição pouco linear que caracteriza boa parte das vanguardas. Na esteira das experimentações, os poemas perscrutam seus próprios limites: a faixa 16, quase reduzida ao fonetismo, remete às experimentações da poesia sonora – traço, aliás, identificável em outras faixas do álbum.

Os poemas palmilham suas próprias questões: a faixa 23, “Escritura e Morte em W.B.”, de Ana Caetano, abre-se com uma alusão direta à invenção da escrita – “Huang Che chorou

* Aluno e bolsista PIBIC-CNPq do curso de graduação em Letras da Universidade Federal de Alagoas.

desesperadamente durante toda a noite/ sabia que era (a escrita) a pior das descobertas possíveis” – para, mais à frente, após alusões a escritores que se suicidaram, apontar: “sobreviver cansa/ sufoca/ atrofia/ escrever não alivia”. A aproximação, nesse poema, entre escrita e morte (essa sugerida na própria redução do nome Walter Benjamim as suas iniciais) aponta para as dualidades da relação entre a arte verbal e a vida: se, de um lado, vive-se “por e para a escrita”; do outro, “escrever não alivia”. Essas considerações atêm-se, mais especificamente, ao aspecto verbal; contudo este é, também, um disco musical, mas, como pode indicar o jogo visual que o encarte, com o passar das páginas, opera com essa palavra, é uma música de *ruídos*, milhas e milhas distante de ser apenas um “fundinho” musical para os poemas.

Talvez esteja aí o diálogo com as vanguardas históricas: mais que a reatualização de procedimentos estéticos (que estariam vinculados a “ações político-sociais semelhantes”, como se lê no texto de abertura do encarte), *Cacograma* leva a cabo uma ampla discussão sobre a in/utilidade da poesia, sobre cisões entre ação e reflexão na arte, sobre a tríade negar/superar/instaurar, tão característica dos movimentos artísticos do começo do século passado; isso tudo entendido como marca de nosso tempo, mas também como legado/impasse, cuja resolução ou manutenção cabe “a quem está alijado (excluído) de qualquer possibilidade de ação e intervenção”. Tudo isso, obviamente, através dos poemas. Faz-se oportuna a pergunta de Marcelo Dolabela, ao final de um dos poemas que, não por acaso, começa com a reprodução de um pronunciamento de Hitler: “Como falar poesia/ depois do fim da utopia?”

De que modo ir além dos inúteis “jogos-florais”, em que a poesia, para muitos, se transformou se só é possível, parafraseando um pouco às avessas Paul Valéry, a crença no que existe? Carlos A. Novais responde perguntando: “A vida tem cura?/A utopia tem cura?/O amor tem cura?/A poesia tem cura?”. *Cacograma*, sem negar o “fim” da utopia, antes dele se apropriando, pergunta respondendo: fazendo poesia, diz sim à poesia.